



## A ALMA DO OLHAR DE LEE MILLER



Lee Miller, *Portrait of Space*, Al Bulwayeb near Siwa, 1937

A retrospectiva dedicada a Lee Miller na Tate Britain afirma-se menos como uma exposição do que como um gesto de restituição – uma tentativa, tardia mas necessária, de reordenar as camadas de uma vida que o século XX insistiu em fragmentar. À medida que avançamos pelas salas, fica evidente que a artista, tantas vezes confinada aos papéis de musa, modelo ou mero satélite do surrealismo, construiu, na verdade, uma obra que atravessou continentes, guerras, linguagens e silêncios.



Lee Miller, *Model Elizabeth Cowell wearing Digby Morton suit*, London 1941  
© Lee Miller Archives, England 2025

O seu legado constitui uma obra cuja potência imagética reclama uma gramática crítica renovada – menos complacente, mais rigorosa – e capaz de escutar as

fricções que atravessam o seu percurso... É como se, enfim, se abrisse diante de nós o caleidoscópio de vidas que ela conseguiu conter simultaneamente: a experimentadora obstinada, a viajante de errância consciente, a correspondente de guerra que enfrentou a violência da história, a mulher que fez de cada metamorfose uma linguagem visual.

Nascida em 1907, em Poughkeepsie, no Estado de Nova Iorque, Miller cresceu entre câmeras e enquadramentos improvisados pelo pai. Essa iniciação precoce, formadora, marcou de forma indelével a sua relação com a imagem. Seu filho, Anthony Penrose, observa, numa entrevista que ressoa ao longo da exposição: *“Minha mãe carregava histórias que não dizia, mas que estão todas impressas no modo como ela escolhia o que mostrar e o que ocultar na fotografia.”*

A mostra recupera essa ambiguidade primordial nos primeiros retratos de moda: imagens que revelam menos a jovem celebridade que dominou as revistas dos anos 1920 e mais uma mulher que já explorava a arquitetura do olhar, como se buscasse, desde cedo, reorientar a direção da própria lente.

A mudança para Paris, no final da década, coloca Miller no epicentro do surrealismo – e, ao mesmo tempo, à margem dele, zona ambígua à qual artistas mulheres da época foram relegadas. Ali, Lee torna-se parceira de Man Ray – não apenas afetiva, mas sobretudo intelectualmente. A neta, Ami Bouhassane, diretora do arquivo da artista, insiste numa correção histórica, que a exposição acolhe com sobriedade: *“Lee não era assistente, era coautora.”*





Lee Miller, *David E. Scherman dressed for war*, London 1942  
© Lee Miller Archives, England 2025

A solarização, técnica convertida quase numa assinatura de Man Ray, aparece aqui restituída à sua origem colaborativa. Mais do que reivindicar crédito, a curadoria evidencia como Miller trabalhava numa sintonia experimental rara, sempre à caça de um modo de expandir a imagem para além da forma.

Depois, o Egito. Este capítulo, tantas vezes tratado como parêntese biográfico, emerge na Tate com a densidade de um verdadeiro renascimento estético. Instalada no Cairo após se casar com Aziz Eloui Bey, Miller produz algumas das fotografias mais rigorosas e enigmáticas da sua carreira: paisagens onde a luz se transforma em geometria e o espaço parece suspenso entre o documental e o onírico. Bouhassane sintetiza: “O deserto deu a Lee uma clareza que Paris nunca lhe ofereceu.” A frase não é metáfora: a secura do horizonte



Lee Miller, *Fire masks*, Downshire Hill, London, 1941  
© Lee Miller Archives, England 2025

egípcio revela um olhar que se liberta de escolas, alinhamentos e tutelas.

Mas é a guerra que irrompe como o eixo mais contundente, e talvez o mais devastador, da exposição. Reinstalada em Londres em 1937, ao lado de Roland Penrose, Miller obtém credenciais de correspondente da Vogue americana e empreende uma travessia que a conduziria das ruínas do Blitz às portas de Dachau e Buchenwald. Suas imagens, projetadas aqui com amplitude e gravidade, recusam qualquer estetização da violência. São fotografias que investigam, não apenas registram; que interpõem humanidade, não apenas distância. Anthony Penrose, numa das reflexões mais incisivas incluídas na exposição, afirma: “Minha mãe não fotografava para fazer história. Fotografava para impedir o esquecimento.”

A famosa imagem de Miller na banheira de Hitler, tantas vezes repetida de forma sensacionalista, é reapresentada num contexto que restitui sua dimensão ética. Não como provocação, mas como gesto de insurgência íntima no limiar do insuportável. Nas palavras de Penrose: *“Foi o único instante, naquele dia, em que ela conseguiu respirar.”*

O pós-guerra, contudo, não oferece redenção. Miller vive reclusa em Farley Farm, mergulha em episódios de depressão profunda, enfrenta em surdina aquilo que hoje nomeamos como stress pós-traumático e acaba por abandonar progressivamente a produção fotográfica. A exposição trata esse silêncio com rara delicadeza: não como desistência, mas como consequência – a reação humana de quem viu demasiado para continuar a olhar através da lente. Penrose descreve esse período com desarmante precisão: *“Ela não perdeu o talento. Perdeu a capacidade de suportar o peso daquilo que viu.”*

Ao articular estes capítulos com rigor e sensibilidade, a Tate Britain desmonta décadas de leituras redutoras que preferiram ver Lee Miller enquadrada nos contornos de outros homens; musa involuntária de Ray, figura lateral do surrealismo, exceção accidental no fotojornalismo de guerra. O que se impõe, aqui, é uma artista cuja obra escapa às taxonomias dos movimentos e encontra sua razão na intensidade irrepetível de uma vida que percorreu as zonas mais sombrias do século.

No final, talvez a frase mais luminosa seja a de Ami Bouhassane:

*“Lee sempre esteve atrás da imagem. Só demoramos muitas décadas a compreender que era ali, justamente ali, que ela reinventava o mundo.”*

## SERVIÇO

**Lee Miller**

Até 15 de fevereiro de 2026

Tate Britain

Millbank, London SW1P 4RG

<https://www.tate.org.uk/whats-on/tate-britain/lee-miller>



Lee Miller, *Untitled*, Paris 1930

© Lee Miller Archives, England 2025